

Responsabilidade de quem?

O que pensam os pais de alunos do ensino fundamental sobre a educação sexual na escola

Responsibility of whom?

What do elementary school students' parents think about sex education at school?

¿Responsabilidad de quién? ¿Qué piensan los padres de los alumnos de la enseñanza fundamental sobre la educación sexual en la escuela?

Priscila Paiva Cabral

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu /PR - Brasil

Cynthia Borges de Moura

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu /PR - Brasil

Ana Kamila Borgonovo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu /PR - Brasil

Resumo

O objetivo da pesquisa foi descrever o que pensam pais de alunos do quinto ano do ensino fundamental das escolas municipais de Foz do Iguaçu-PR, aderidas ao PSE sobre o ensino da temática da educação sexual. Quarenta e seis pais e/ou responsáveis foram entrevistados, e as respostas gravadas em áudio foram transcritas, categorizadas e quantificadas. É necessário esclarecer a definição de sexo e sexualidade entre os pais. Apesar de dialogarem com os filhos sobre a temática, restringem as conversas a temas atrelados à parte biológica do organismo. Apesar de tomarem para si a responsabilidade sobre a educação sexual dos filhos, concordam que a escola tem grande importância no ensino da temática para as crianças e adolescentes. Assim, educação sexual para pais poderia ser um foco do ensino em sexualidade na escola.

Palavras-chave: Educação Sexual, Família, Escola, Ensino, Infância

Abstract

The study intends to describe what elementary school students' parents in the municipal schools of Foz do Iguaçu-PR think about the teaching of sexual education, which is proposed by the Health in School Program. Forty six parents and/or legal guardians have been interviewed, and the answers recorded in audio were transcribed, categorized and quantified. It is necessary to clarify the definition of sex and sexuality among parents. Although they talk to their children about the subject, they restrict the conversations to topics linked to the biological part of the organism. Although they take responsibility for the sexual education of their children, they agree that the school plays

an important role in teaching the theme to children and adolescents. Thus, parents regard sexual education as an issue to be addressed to when teaching sexuality in school.

Keywords: Sexual education, Family, School, Teaching, Childhood

Resumen

Este trabajo tuvo como objetivo describir qué piensan los padres de los alumnos de la enseñanza fundamental de las escuelas municipales de Foz do Iguaçu-PR, adheridas al PSE sobre la enseñanza de la temática educación sexual. 46 padres y/o responsables fueron entrevistados, y las respuestas grabadas en audio fueron transcritas, categorizadas y cuantificadas. Es necesario aclarar la definición de sexo y sexualidad entre los padres. A pesar de dialogar con los hijos sobre la temática, restringen las conversaciones a temas vinculados a la parte biológica del organismo. Aunque tomen para sí la responsabilidad sobre la educación sexual de los hijos, concuerdan que la escuela tiene importancia en la enseñanza de la temática a los niños y adolescentes. La educación sexual para padres podría ser un foco de la enseñanza en sexualidad en la escuela.

Palabras-clave: Educación sexual, Familia, Escuela, Enseñanza, Infancia

1. Introdução

Esta pesquisa parte das seguintes questões: “O que pensam os pais dos alunos do ensino fundamental sobre o ensino da sexualidade no âmbito escolar? O que desejam fazer? O que esperam que a escola faça?”. Esse assunto, sob a perspectiva parental, é pouco retratado em pesquisas no âmbito da educação sexual, sendo, por esse motivo, relevante à condução de pesquisas que respondam questões pendentes nesse ramo de investigação científica.

Depois do seio familiar, é a escola que se apresenta como um espaço social significativo de promoção da saúde, por ser onde os alunos permanecem grande parte de sua vida. Sendo assim, tanto família quanto escola são espaços privilegiados para aquisição de informações e ações de educação em saúde (HOLANDA et al., 2010).

A Lei 9.394/96 das Diretrizes e Bases do Ensino (LDB), em seu artigo nº 32, dispõe que o ensino fundamental é obrigatório no Brasil e deve ter uma duração de nove anos, sendo ofertado gratuitamente pela escola pública. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 1996), contemplam que o ensino fundamental deve abranger a população na faixa

etária dos 6 (seis) aos 14 (quatorze) anos de idade, estendendo-se também a todos os que, na idade própria, não tiveram condições de frequentá-lo.

Ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação básica, os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular seus conteúdos, versando temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Dentre estes, encontra-se a educação sexual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC) na busca por respostas para a problemática da iniciação sexual precoce de crianças e adolescentes e contribuir para a redução das estatísticas de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (IST/AIDS) e gravidez precoce, propôs a inclusão, no currículo da escola, da educação sexual, como um dos temas transversais em saúde, abordagem a ser iniciada no ensino fundamental (HOLANDA et al., 2010).

Nesse sentido, visando a realizar ações de saúde e educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira, foi instituído em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE), identificado como uma política interssetorial da saúde e da educação, responsável pela articulação entre escola e rede básica de saúde (BRASIL, 2007).

O PSE propõe um trabalho conjunto com as Equipes de Saúde da Família (ESF), que funcionam como a principal estratégia do Ministério da Saúde para a reorganização da atenção básica. As ESF trabalham as ações coletivas e a reconstrução das práticas de saúde a partir da interdisciplinaridade e da gestão interssetorial em um dado território. O que se espera, quando se estabelecem os pactos entre PSE e a ESF, é a melhoria da qualidade da educação e saúde dos educandos (BRASIL, 2011).

A incidência das IST tem aumentado na população em geral, principalmente, entre os jovens; quase metade dos novos casos de AIDS acontece na adolescência, entre os 15 e 24 anos de idade, o que favorece a contaminação precoce. Também é nesse período que ocorrem os problemas relacionados à gravidez, que acarretam enfrentamentos precoces de responsabilidade materna e abandonos escolares (HOLANDA et al., 2010).

De acordo com Sousa, Fernandes e Barroso (2006), essas adversidades poderiam ser evitadas, se crianças e adolescentes encontrassem no ambiente familiar e escolar a liberdade para discutir sobre sexo e sexualidade. Acredita-se que a falta de educação sexual adequada desde a infância, período da origem de todo o processo de educação, é um fator de vulnerabilidade para situações de risco relacionadas ao exercício da sexualidade (RODRIGUES; WECHSLER, 2014), em especial, sexo inseguro, gravidez indesejada, contágio de IST como a AIDS, aborto, chegando até aos crimes sexuais, como prostituição ou pedofilia (BRASIL, 1997).

Em função de fortes elementos culturais que influenciam nossa sociedade, abordar o tema da sexualidade ainda causa certo desconforto, tanto no contexto familiar, quanto no escolar, o que pode implicar em atraso no processo educativo, contribuindo para o estabelecimento de condutas desinformadas e despreparadas, e, portanto, de risco, por parte dos jovens (SOUSA, FERNANDES; BARROSO, 2006).

Debates acerca do trabalho com a temática da sexualidade em sala de aula ainda geram polêmicas e conflitos entre docentes e pais e/ou docentes e alunos. Porém, quer concordem ou não, a família é corresponsável pela formação do indivíduo. Pesquisas que investiguem a ocorrência dessa parceria e as dificuldades nesse processo podem fornecer evidências empíricas sobre as quais basear programas de ensino, tanto para professores quanto para pais, objetivando uma educação sexual emancipatória, socialmente livre e responsável, e concebida como parte integrante e essencial da vida humana (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Nesse sentido, este estudo teve como objetivo descrever o que pensam os pais de alunos do ensino fundamental das escolas municipais de Foz do Iguaçu-PR aderidas ao PSE sobre a realização da educação sexual na escola.

2. Parceria família/ escola na educação sexual: pesquisas na área

Foi realizado um levantamento de estudos que contemplam a percepção dos pais/familiares no processo de educação sexual dos filhos entre os anos de 2006 e 2016, utilizando as seguintes bases de dados: Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), Medline (National Library of Medicine) e Scielo (Scientific Electronic Library Online),

através da Bireme (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) e Google Acadêmico. Para o levantamento dos estudos, foi utilizado o cruzamento das seguintes palavras-chave: educação sexual, família, escola, ensino, infância, pais, sexualidade e ensino fundamental.

Estudos relacionados à percepção da família em relação à educação sexual dos filhos no ambiente escolar são escassos. Dessa maneira, após o refinamento das buscas (um total de 71 trabalhos entre artigos científicos, dissertações e teses de doutorado), apenas 16 pesquisas investigavam questões relacionadas a impasses e desafios na abordagem da educação sexual com os filhos; diálogo sobre sexo e sexualidade entre pais e adolescentes; e discussão entre pais, alunos e professores sobre o tema da sexualidade. Os estudos encontrados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Estudos que contemplam a percepção dos pais/familiares no processo de educação sexual dos filhos entre os anos de 2006 a 2016

Referência	Participantes	Resultados
Holanda et al. (2006)	68 pais ou responsáveis de alunos do ensino fundamental	50% conversam com seus filhos sobre sexo e sexualidade, 27 pais têm conhecimento sobre o tema, mas não sabem como abordá-lo, outros pais esperam que a escola ensine o assunto a seus filhos. Conclui-se que os pais não acreditam que seus filhos adolescentes possam ser infectados com alguma IST.
Reis (2008)	25 mães de crianças com idade de 4 a 6 anos	No geral, as mães demonstraram uma visão estereotipada sobre gênero feminino e masculino, atribuindo papel provedor ao homem e materno e familiar à mulher, e educam seus filhos sob essa concepção.
Barbosa, Costa e Vieira (2008)	26 pais ou responsáveis de adolescentes com idade de 10 a 19 anos	84,6% dos pais afirmaram conversar sobre sexo e sexualidade com seus filhos, 7,7% conversam esporadicamente devido à vergonha, insegurança ou falta de motivação e 7,7% não conversam por não julgarem importante. 77% dos pais acham que seus filhos não têm risco de contrair alguma IST, devido à orientação recebida. 100% acham importante a escola tratar sobre o assunto.
Vilelas Janeiro (2008)	71 adolescentes com idades entre 12 e 17 anos, 22 pais e 16 professores. 6 adolescentes, 6 pais e 6 professores se submeteram à entrevista	93,8% dos pais, 93,8% dos professores e 56,7% dos adolescentes acreditam que a educação sexual deve ocorrer na escola e ser complementada pela família. 68,2% dos pais não têm receio de que a educação sexual na escola desperte comportamentos sexuais precoces em seus filhos. Os adolescentes acham que os pais têm papel positivo em relação à sua sexualidade, os professores consideram o namoro na adolescência um marco no desenvolvimento afetivo-emocional.
Almeida e Centa (2009)	10 pais (7 mulheres e 3 homens) de alunos matriculados na 7ª e 8ª série do	7 pais relatam conversar com seus filhos sobre sexo e sexualidade, 5 relatam que têm dificuldades devido ao desinteresse por parte dos filhos, 7 pais relatam dificuldade devido à maneira como foram criados, pois não receberam educação sexual, mas se preocupam em orientar devidamente os filhos. 9 pais demonstraram preocupação

	ensino fundamental	em ensinar valores como respeito consigo e com o próximo, responsabilidade e comportamento. 5 pais acham importante o papel da escola como educadora e aliada na educação sexual de seus filhos.
Rodriguez (2010)	Pais, alunos e professores da 7ª série do ensino fundamental	Metade dos professores conhece a proposta do tema transversal sexualidade, mas a maioria não utiliza em suas aulas; os que trabalharam o assunto relatam tê-lo feito em outra disciplina. Preconceitos e tabus impedem os pais de conversarem com seus filhos sobre o tema. A sexualidade é vinculada apenas às questões do sexo, portanto, deve ser trabalhada na escola com restrições, tendo a família o papel de educadora sexual. Os alunos pensam que sabem muito sobre sexualidade, consideram seus pais muito fechados para diálogo e que a escola não trata do tema satisfatoriamente. Os professores têm receio do que os pais vão pensar ao trabalhar a sexualidade em sala de aula. Conclui-se que a sexualidade ainda é um tabu no contexto escolar, levando o tema a ser tratado de forma distante da realidade.
Maia e Spaziani (2010)	7 professoras, 5 pais e 18 mães de crianças de até 6 anos de idade	Para as professoras, sexualidade compreende além do sexo, aspectos biológicos e corporais relacionados ao gênero. Os pais enfatizam as diferenças entre o sexo masculino e o feminino, desenvolvimento sexual e vida sexual e reprodutiva. As professoras identificaram, como manifestações sexuais das crianças: exercício de papéis (pai e mãe), brincadeiras com os órgãos genitais, toques no próprio corpo, beijo na boca, imitação de gravidez, perguntas sobre diferenças e partes do corpo. Para os pais, as manifestações da sexualidade nas crianças são masturbação, beijo na boca, exibição do corpo e dança. Os pais comentaram pouco sobre como costumam agir, ao observar tais comportamentos em seus filhos, relataram se sentir tranquilos para lidar com essas situações, mas gostariam de receber esclarecimentos, apoiam o fato de a escola a trabalhar com educação sexual. As professoras relataram não ter o conteúdo da sexualidade em sua formação acadêmica, se sentem inseguras e despreparadas, acreditam que os pais também deveriam ser preparados para dar educação sexual para seus filhos e acham importante a parceria família-escola.
Moreira et al. (2011)	42 adolescentes com idade entre 11 e 19 anos	Os adolescentes questionaram principalmente sobre: mudanças anatômicas e fisiológicas, relacionamento afetivo, iniciação sexual, identidade sexual e orientação sexual, contracepção, aborto, gravidez na adolescência, sintomas e formas preventivas das IST e definição de violência sexual. Pais, professores e profissionais da saúde costumam ter receio em trabalhar o tema sexualidade com seus filhos, alunos e pacientes, devido ao seu despreparo; portanto, a pesquisa levantou, como questão relevante a ser trabalhada, a sexualidade e adolescência do adulto de referência, pois quando ele trabalha com o adolescente, revê sua sexualidade passada e presente e se depara com os valores ensinados em sua época.
Murta et al. (2012)	54 adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, 11 professoras e 7 familiares	Os adolescentes relataram melhoria na qualidade da comunicação com os pais, prática de sexo seguro e tolerância à diversidade. Para os familiares, favoreceu o monitoramento às companhias dos filhos, a autoeficácia parental, a divisão do tempo dedicado aos filhos, a observação da carência afetiva dos filhos, o diálogo entre os cônjuges e a atenção à própria saúde, e buscaram

		serviços da comunidade recomendados na intervenção. Para as professoras, resultou principalmente em sentimentos de união e pertencimento, autoeficácia e esperança, motivação para autocuidado, cuidado com o outro e com o aluno em particular e proposta de continuidade da intervenção com os docentes.
Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013)	Livros, resumos, teses, dissertações e artigos científicos que abordaram aspectos ligados à educação sexual no contexto familiar e escolar	A família e a escola têm se omitido em relação à educação sexual emancipatória. Os pais têm dificuldades devido ao valor negativo atribuído ao sexo e/ou por considerarem que o diálogo antecipa a prática do sexo. A família aponta a escola como solução para essa problemática, por meio da educação ou orientação sexual; porém, nas escolas, a educação sexual não tem abarcado as ansiedades dos adolescentes, por conduzirem-na de forma limitada, aliada apenas aos aspectos biológicos e reprodutivos dos indivíduos, negando toda a sua amplitude prazerosa e benéfica.
Salomão, Cano e Silva (2013)	4 pais de adolescentes, estudantes de uma escola privada, do sexo masculino e com idades entre 15 e 18 anos	Ao falarem da própria adolescência, os pais a contextualizaram em uma época, como se para desculpar possíveis erros que possam ter ocorrido. O diálogo, que antes era inexistente, hoje é quase obrigatório nessa classe social, podendo apontar para uma evolução do papel do pai e da própria vivência da sexualidade. Em suas conversas com os filhos, os pais sempre ligam a medicalização à doença e gravidez indesejada como consequências. Embora apenas um pai tenha sobre religião explicitamente, todos acharam por bem comentá-la. Praticantes ou não, sabe-se que a religião é fator marcante nas escolhas, condutas e reações que o ser humano tem. Ao que tudo indica, a repressão e o poder só mudam de mãos.
Nery et al. (2015)	22 pais de adolescentes com idades entre 10 e 19 anos	A maioria dos pais revelou nunca conversar sobre o tema, por não estarem preparados e/ou não sentirem necessidade, ou, ainda, que a falta de um parceiro sexual naquele momento significava que não era necessária essa abordagem. Alguns disseram conversar abertamente sobre o tema com os filhos. Há facilidade do pai em falar com o filho do mesmo sexo. A maioria aborda apenas a parte biológica da sexualidade (ligada ao coito), como a prevenção de IST. Os pais revelaram a dificuldade de perpassar conteúdo referente à temática para os adolescentes. A maioria valoriza seu conhecimento prévio do assunto, porém esse não possui boa aceitação por parte dos jovens. A maioria demonstrou não saber como agir diante das demonstrações de sexualidade dos filhos e elegeu o diálogo como a melhor saída para isso. Conclui-se que os pais sentem dificuldade na abordagem da sexualidade, fazem-na de forma superficial e a enfermagem tem importante papel na educação sexual de adolescentes, de suas famílias e na escola.
Rocha e Oliveira (2015)	Pais dos alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola estadual	Os pais se consideram com conhecimento suficiente para responder a seus filhos sobre perguntas ligadas à educação sexual. 50% procuram falar da forma o mais clara possível e sempre de acordo com a idade dos filhos. São a favor de abordar a educação sexual no ambiente escolar e têm conhecimento sobre os meios que a escola utiliza para abordar a educação sexual.
Araújo et al.	Papel dos pais	A comunicação entre pais e adolescentes sobre educação

(2015)	na educação sexual dos adolescentes	sexual auxilia na redução do comportamento de risco. Alguns pais reconhecem a importância de conversar com seus filhos adolescentes, outros relatam que os assuntos relacionados à sexualidade devem ser tratados pelos pais com parcerias entre a família e os meios sociais em que o adolescente está inserido, bem como escolas e unidades de saúde.
Queirós et al. (2016)	15 pais (14 mães e 1 pai) de alunos da educação básica de uma instituição pública, com idades entre 12 e 18 anos	Os pais relacionaram a sexualidade ao sexo, transformações do corpo humano, órgãos genitais e IST e revelaram preocupação com as IST, namoro/sexo, gravidez precoce e necessidade de prevenção. Apontaram como dificuldade a inserção da temática da sexualidade entre os assuntos debatidos com os filhos, principalmente, por vergonha, timidez (dos pais e filhos) e medo de incentivá-los às práticas sexuais, porém, reforçaram a necessidade de maior abertura familiar para superar as dificuldades do diálogo. Apontaram como facilitadores a ausência de vergonha, tranquilidade, o hábito de contar histórias, a própria aproximação com os filhos e as situações e dificuldades já vividas pelos pais quando jovens. Verificou-se a disponibilidade dos pais para um diálogo aberto. Indicaram a família, principalmente, a mãe, como responsável pela educação sexual dos adolescentes, seguida pela escola.

3. Método

Pesquisa aplicada, descritiva, de natureza quali-quantitativa, realizada com pais e/ou responsáveis dos alunos do quinto ano do ensino fundamental, que frequentavam as seis escolas públicas do município de Foz do Iguaçu-PR aderidas ao PSE. Optou-se por este recorte, porque, conforme o conteúdo programático disponibilizado pela Secretaria Municipal da Educação de Foz do Iguaçu, é a partir dessa série escolar que, na disciplina de ciências, sexualidade é apresentado aos alunos como conteúdo curricular (cuidados e higiene dos órgãos genitais, gravidez precoce, IST, prevenção ao uso de drogas lícitas e ilícitas).

A participação na pesquisa foi solicitada através do envio de um convite em forma de panfleto, por meio de cada um dos alunos. Foram convidados todos os 565 pais/responsáveis das 20 turmas de quinto ano das escolas participantes. O convite continha um breve texto, um espaço para assinar consentindo na colaboração e para disponibilizar número de telefone para contato. Após uma semana, a pesquisadora retornou às escolas e recolheu 68 convites, assinados pelos pais que se dispuseram a participar.

Após o contato prévio, a pesquisadora combinou, por telefone, a data, horário e local de cada entrevista. Dos 68, apenas 46 foram localizados e efetivamente entrevistados. A maioria das entrevistas (40) foi realizada no ambiente escolar, porém, alguns pais (6) optaram por ser entrevistados em sua própria residência. Todas ocorreram de forma individual, conduzidas por meio de questões norteadoras e gravadas em áudio. Os participantes foram informados sobre o sigilo das informações e sobre os objetivos da pesquisa e, posteriormente, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O roteiro da entrevista constava de oito questões norteadoras que abordavam: concepções de sexo e sexualidade dos pais e/ou responsáveis; existência de diálogo entre pais e filhos sobre sexo e sexualidade; temas da sexualidade considerados fáceis e difíceis de conversar com os filhos; opinião sobre quem consideravam os responsáveis pela educação sexual do filho; opinião dos pais sobre a temática ser abordada no contexto da escola; com que idade achavam mais apropriado iniciar a falar sobre sexualidade com os filhos; e opinião dos pais a respeito do que deveria ser ensinado pela escola e pela família sobre sexualidade.

Dos participantes deste estudo, 41 (89,1%) eram do sexo feminino e 05 (10,9%) do masculino. As idades dos entrevistados variavam entre 18 e 62 anos, sendo a maioria compreendida na faixa etária dos 29 aos 39 anos (54,4%). Quanto ao estado civil, 30 (65,2%) eram casados. Metade (50%) afirmava ter o ensino médio incompleto. Sobre a profissão, a maioria, 20 (43,6%), não trabalhava formalmente, exercendo atividade de “do lar”. Em relação à crença religiosa, 43 (93,5%) dos entrevistados responderam possuírem, 30 se diziam católicos (65,2%). No que diz respeito ao grau de parentesco com a criança, a maioria das entrevistadas foram mães, 36 (78,2%), seguido de cinco pais (10,9%), quatro avós (8,7%) e uma irmã (2,2%).

O projeto foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Cepsh) e aprovado conforme o Parecer Consubstanciado de nº 1.447.593, em 11/03/2016.

4. Resultados

Os dados foram estudados segundo a Análise do Conteúdo de Bardin, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras: de um lado, a fronteira da linguística tradicional, e do outro, o território da interpretação do sentido das palavras (BARDIN, 1977).

As respostas dos participantes foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Foram então lidas e separadas em unidades de análise. O critério de separação de uma unidade era a mudança de conteúdo no discurso do sujeito. As unidades foram classificadas em categorias e quantificadas em termos de frequência e porcentagem. Abaixo, estão apresentadas as tabelas de acordo com as categorias, critérios de classificação, frequência e porcentagem de respostas obtidas.

Conceito de sexo

A Tabela 2 apresenta as categorias obtidas a partir do discurso dos participantes quanto ao entendimento do termo *Sexo*.

Tabela 2 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto ao termo *Sexo*

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...).</i>		
RELAÇÃO SEXUAL <i>Ao ato sexual em si (contato físico, penetração e masturbação).</i>	41	65,1%
INTIMIDADE E AFETO <i>Aos sentimentos envolvidos e não somente ao ato sexual.</i>	14	22,2%
GÊNERO <i>Ao gênero masculino ou feminino.</i>	5	7,9%
DESCONHECIMENTO DA DEFINIÇÃO <i>Ao desconhecimento ou não compreensão do assunto.</i>	3	4,8%
TOTAL DE RESPOSTAS	63	100%

A maioria dos participantes descreveu o conceito de sexo principalmente como sendo *relação sexual* (65,1%). As categorias *intimidade e afeto* apareceram em segundo lugar, com 22,2%. Em contrapartida, apenas 4,8% não conseguiram descrever o termo.

Conceito de sexualidade

As repostas extraídas das falas dos participantes quanto ao conceito de *sexualidade* foram separadas nas categorias listadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto ao termo *Sexualidade*

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)</i>		
ORIENTAÇÃO SEXUAL <i>Aos gêneros pelos quais uma pessoa se sente atraída, seja física, romântica e/ou emocionalmente (assexual, bissexual, heterossexual, homossexual etc.).</i>	15	30%
DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE <i>Descobertas e modificações do corpo e as mudanças que ocorrem nessa fase.</i>	9	18%
DESCONHECIMENTO DA DEFINIÇÃO <i>Ao desconhecimento ou não compreensão do assunto.</i>	8	16%
SENTIMENTO E INTIMIDADE <i>Associavam a sexualidade aos sentimentos e intimidade de um casal.</i>	6	12%
RELAÇÃO SEXUAL <i>Ao ato sexual em si (contato físico, penetração).</i>	5	10%
COMPORTAMENTO SEDUTOR <i>Atrair ou despertar desejo em alguém de maneira provocativa.</i>	4	8%
GÊNERO <i>Ao gênero masculino ou feminino.</i>	3	6%
TOTAL DE RESPOSTAS	50	100%

A maioria das respostas dos entrevistados relacionava a *sexualidade*, como sendo a *orientação sexual* de uma pessoa (30%) e ao *desenvolvimento da sexualidade* (18%). Outro dado relevante é que 16% das respostas apontavam para o desconhecimento do conceito de *sexualidade*.

Temas que os pais conversam com os filhos/as sobre sexo e sexualidade

A Tabela 4 demonstra as categorias relacionadas aos temas que os pais disseram conversar com os filhos sobre sexo e sexualidade.

Tabela 4 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto aos temas sobre sexualidade que pais afirmam conversar com os filhos

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)</i>		
DESENVOLVIMENTO, TRANSFORMAÇÕES E CUIDADOS COM O CORPO <i>As modificações anatômicas e fisiológicas que ocorrem com o corpo e asseio pessoal.</i>	23	19,3%
RELAÇÕES AFETIVAS <i>Assuntos que envolvam atos de carinho ou um relacionamento como paquera e namoro precoce.</i>	18	15,1%
PREVENÇÃO DE IST <i>Formas de transmissão, prevenção e tratamento.</i>	18	15,1%

VIOLÊNCIA INFANTIL E PORNOGRAFIA <i>Inclui assuntos como a violência, abuso sexual contra crianças e acesso a imagens pornográficas.</i>	18	15,1%
RELAÇÃO SEXUAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL <i>Falar sobre órgãos genitais feminino e masculino, o ato sexual e por quais gêneros uma pessoa pode se sentir atraída.</i>	17	14,3%
CONCEPÇÃO, GRAVIDEZ E PARTO <i>Como se engravida; evitar engravidar precocemente; o processo da gestação e como acontece o parto.</i>	15	12,6%
NÃO CONVERSA SOBRE SEXO E SEXUALIDADE <i>Não fala sobre o tema com a criança</i>	6	5%
ESTERÉOTIPOS DE GÊNERO E PRECONCEITO <i>Temas que envolvam preconceito de gênero e as atitudes sociais que discriminam as pessoas de acordo com sua orientação sexual</i>	4	3,5%
TOTAL DE RESPOSTAS	119	100%

Os participantes de nosso estudo afirmaram que conversavam principalmente sobre o *desenvolvimento, transformações e cuidados com o corpo* (19,3%); *relações afetivas* (15,1%); *prevenção de IST* (15,1%); *violência infantil e pornografia* (15,1%).

Temas difíceis no diálogo pais/filhos

A Tabela 5 apresenta as categorias relacionadas aos temas que os pais consideravam difíceis de conversar com os filhos.

Tabela 5 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto aos assuntos mais difíceis de abordar com os filhos segundo os pais

CATEGORIAS	Freq.	%
CRITÉRIOS (<i>Respostas relacionadas a...</i>)		
COMPORTAMENTO SEXUAL <i>Falar sobre a prática do ato sexual (contato físico; como usar um preservativo na relação; penetração e violência sexual).</i>	20	37%
NENHUM TEMA <i>Não tem dificuldade.</i>	14	25,9%
HOMOSSEXUALIDADE <i>Assuntos que envolvam falar de um relacionamento homossexual, da aceitação da orientação sexual e homofobia.</i>	8	14,8%
DESENVOLVIMENTO, TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS E COMPORTAMENTO <i>Temas como a puberdade; namoro; amizade; brincadeiras; masturbação; gravidez precoce e sensualização do corpo.</i>	8	14,8%
NÃO SOUBE ESPECIFICAR <i>Quando não sabia ou nunca pensou e conversou.</i>	4	7,5%
TOTAL DE RESPOSTAS	54	100%

O assunto considerado mais difícil de dialogar com os filhos relacionava-se ao *comportamento sexual* (37%). Uma parte considerável dos participantes (25,9%) afirmou não possuir nenhuma dificuldade para falar do assunto.

Temas fáceis no diálogo pais/filhos

A Tabela 6 apresenta as categorias relacionadas aos temas que os pais consideravam fáceis de dialogar com os filhos.

Tabela 6 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto aos assuntos mais fáceis de abordar com os filhos segundo os pais

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)</i>		
SEXUALIDADE, AFETO E INTIMIDADE <i>Sexo; namoro; virgindade; respeitar a vontade do próximo; atos de carinho; sentimentos.</i>	23	24,2%
DESENVOLVIMENTO E MODIFICAÇÕES CORPORAIS <i>Relativo ao descobrimento do próprio corpo e as mudanças anatômicas e fisiológicas que ocorrem nessa fase.</i>	21	22,1%
PREVENÇÃO DE IST <i>Prevenção de infecções e conscientização quanto ao uso do preservativo.</i>	16	16,8%
CONCEPÇÃO, CONTRACEPÇÃO, GRAVIDEZ, PARTO E ABORTO <i>Explicar como se engravida; evitar uma gravidez precoce; falar da cesárea; aborto e anticoncepcional.</i>	15	15,8%
OUTRAS RESPOSTAS <i>Temas em geral (saúde; educação; segurança; drogas; profissão; sobre a vida; preconceito etc.).</i>	12	12,6%
CONVERSA SOBRE TODOS OS ASSUNTOS <i>Sobre todos os assuntos ou só conversa se surgir o assunto.</i>	8	8,5%
TOTAL DE RESPOSTAS	95	100%

O discurso dos pais revelou que falar com os filhos sobre *sexualidade, afeto e intimidade* (24,2%) e *desenvolvimento e modificações corporais* (22,1%) é mais fácil.

Quem são os responsáveis?

A Tabela 7 apresenta a categorização das respostas dos participantes em relação a quem atribuem a responsabilidade pela educação sexual dos filhos/as.

Tabela 7 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto a quem os participantes consideram os responsáveis pela educação sexual das crianças

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)</i>		
FAMÍLIA <i>Mãe, pai, avó, avô; madrasta, irmã e tias.</i>	50	73,5%
ESCOLA <i>Professores e escola</i>	15	22,1%
AMIGOS E PROFISSIONAIS DE SAÚDE <i>Amigos, psicóloga e sociedade.</i>	3	4,4%
TOTAL DE RESPOSTAS	68	100%

Os participantes de nosso estudo indicaram que a *família* (73,5%) seria a principal responsável pela educação sexual dos filhos.

O que os pais acham de a escola tratar do tema?

A Tabela 8 demonstra as respostas dos participantes sobre o que achavam de a escola falar do tema da sexualidade.

Tabela 8 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto as opiniões dos pais sobre a escola ensinar sobre sexo e sexualidade

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)</i>		
BOM, POIS AJUDA OS PAIS <i>Escola auxilia a explicar o tema e reforçar as orientações dos pais.</i>	25	30,9%
BOM, POIS A ESCOLA ESTA MAIS PREPARADA <i>Escola possui recursos didáticos; ensina cientificamente o tema; oferece palestras com diferentes profissionais.</i>	16	19,8%
BOM, POIS PROMOVE A EDUCAÇÃO SEXUAL <i>Apresenta explicações, dissemina ensinamentos; promove conscientização e orientação.</i>	15	18,5%
BOM, MAS NÃO DEVERIA FALAR DE ALGUNS TEMAS <i>Não deveria distribuir preservativo e falar de sexo e não abordar a temática da homossexualidade.</i>	13	16%
BOM, POIS COLABORA COM A PREVENÇÃO DE IST E GRAVIDEZ <i>Atua na promoção, prevenção de infecções e orienta sobre gravidez precoce ou indesejada.</i>	12	14,8%
TOTAL DE RESPOSTAS	81	100%

A categoria *bom, pois ajuda os pais* (30,9%) recebeu o maior número de respostas, ou seja, para os participantes, a escola colabora no sentido de auxiliar a explicar o tema e reforçar as orientações que os pais dão aos filhos.

Qual a idade é mais apropriada para falar do tema?

A Tabela 9 apresenta a categorização das respostas dos participantes em relação à idade que acham ser mais adequada para conversar com o filho/a sobre sexo e sexualidade.

Tabela 9 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas quanto a idade adequada para falar sobre sexualidade com as crianças

CATEGORIAS	Freq.	%
<i>CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)</i>		
IDADE <i>06 anos</i>	2	4,4%
IDADE <i>07 anos</i>	2	4,4%
IDADE <i>08 anos</i>	4	8,7%

IDADE <i>09 anos</i>	2	4,4%
IDADE <i>10 anos</i>	11	23,9%
IDADE <i>11 anos</i>	9	19,6%
IDADE <i>12 anos</i>	9	19,6%
IDADE <i>13 anos</i>	5	10,6%
IDADE <i>14 anos</i>	1	2,2%
NÃO TEM IDADE <i>Conversa em qualquer idade</i>	1	2,2%
TOTAL DE RESPOSTAS	46	100%

As idades de 10 anos (23,9%); 11 anos (19,6%) e 12 anos (19,6%) foram eleitas pelos pais como sendo as mais adequadas para conversar com os filhos a respeito do tema.

O que deveria ser ensinado pela escola e pela família sobre sexualidade?

A Tabela 10 indica as respostas dos familiares sobre quais os temas achavam que deveriam ser ensinados pela escola e quais os que deveriam ser ensinados pela família sobre sexualidade.

Tabela 10 - Critérios, frequência e porcentagem de respostas em relação aos temas que deveriam ser ensinados pela escola e pela família na opinião dos pais

CATEGORIAS <i>CRITÉRIO (Respostas relacionadas a...)</i>	ESCOLA		FAMÍLIA	
	<i>Freq.</i>	<i>%</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
PREVENÇÃO DE IST E USO DE PRESERVATIVO <i>Formas de transmissão, prevenção e tratamento de infecções.</i>	24	25,5%	16	17,6%
OUTRAS RESPOSTAS <i>Respostas relacionadas a diversos contextos.</i>	19	20,2%	22	24,2%
CONCEPÇÃO, CONTRACEPÇÃO, GRAVIDEZ, PARTO <i>Explicar como se engravida; evitar uma gravidez precoce; falar do parto; aborto e anticoncepcional.</i>	14	14,9%	14	15,4%
DESENVOLVIMENTO, MODIFICAÇÕES CORPORAIS E AFETIVIDADE <i>Descobertas e modificações do corpo e as mudanças que ocorrem nessa fase; higiene corporal e relacionamentos.</i>	11	11,7%	16	17,6%
NÃO TEM OPINIÃO OU NÃO ESPECIFICOU <i>Não acha importante ser ensinado; Acha importante, mas não especificou os assuntos ou não soube responder.</i>	11	11,7%	12	13,2%
RELAÇÃO SEXUAL <i>Ao ato sexual em si (contato físico, penetração); conversar sobre a prática sexual; sobre violência sexual.</i>	10	10,6%	7	7,7%
HOMOSSEXUALIDADE <i>Falar de um relacionamento homossexual, da aceitação da orientação sexual e homofobia.</i>	5	5,4%	4	4,3%
TOTAL DE RESPOSTAS	94	100%	91	100%

As respostas dos familiares revelaram que a escola deveria falar, principalmente, sobre *prevenção de IST e uso de preservativo* (25,5%), e a família sobre *respostas relacionadas a diversos contextos* (24,4%). Também se observou que, para os participantes, o assunto relacionado à *contracepção, gravidez e parto* obteve o mesmo número de respostas (14), portanto, acreditam que o tema deve ser abordado tanto pela *escola* (14,9%), quanto pela *família* (15,4%).

5. Conclusão

Buscou-se, neste trabalho, descrever o que pensam os pais de alunos do ensino fundamental das escolas municipais de Foz do Iguaçu-PR aderidas ao PSE sobre a realização da “educação sexual” na escola. Poucas pesquisas científicas abordam a questão do diálogo da família com os filhos em relação à educação sexual. Desse modo, este trabalho se destaca por investigar a opinião dos pais em relação a esse tema, tão importante para saúde de indivíduos em idade escolar, que estão vivenciando a fase da puberdade e das descobertas da sexualidade.

Os resultados permitiram concluir que os pais:

1. Sabem conceituar o termo *sexo*, mas não têm muita clareza sobre o termo *sexualidade*, entendendo-o como a *orientação sexual* de uma pessoa;
2. Conversam com os filhos principalmente sobre *transformações corporais e cuidados com o corpo, relações afetivas, prevenção de IST, violência sexual e pornografia*;
3. Consideram difícil conversar sobre o *comportamento sexual*, tendo mais facilidade para falar com os filhos sobre *sexualidade, afeto, intimidade* e sobre *transformações corporais*;
4. Pensam ser a *família* a principal responsável pela educação sexual dos filhos e acham que a idade apropriada para falar do tema com eles é entre 10 e 12 anos;
5. Afirmam que a *escola* deve falar prioritariamente sobre *prevenção de IST e uso de preservativo*, e a *família*, sobre *diversos contextos da sexualidade*;

6. Reconhecem o papel essencial exercido pela *escola* no debate e aprendizado dos temas da sexualidade, afirmando que o ideal seria que a conversa fosse feita em conjunto, por ambas as partes.

Essas conclusões levam à consideração de que todo o trabalho de educação sexual deve ser conjunto e interdisciplinar, pois a sexualidade é, também, construída coletivamente, em uma determinada sociedade e cultura. No entanto, essa conclusão não é nova, não é uma exclusividade dos achados da presente pesquisa. Como então inserir a família no diálogo com a escola? Como ajudá-los a ouvir e conversar com seus filhos num processo de educação sexual emancipatório? Como estruturar um programa de ensino que contribua para uma educação sexual adequada, atualizada e motivadora para todos os protagonistas? Pais, filhos e professores?

É inegável que o ambiente educativo da escola se constitui num cenário apropriado para o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação sexual, assim como para promoção do senso de autorresponsabilidade e compromisso quanto à sexualidade das crianças e adolescentes (JARDIM; BRÊTAS, 2006; REIS; MAIA, 2012). Apesar de se reconhecer a importância de se realizar este trabalho junto aos alunos, observa-se que são poucas as escolas que incluem em suas práticas pedagógicas a discussão ampliada sobre sexualidade (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013), e menos ainda as que incluem algum trabalho de orientação, apoio e esclarecimento aos pais sobre como abordar temas de sexualidade com seus filhos.

Essa abordagem não deve estar restrita apenas à transmissão de informações sobre os aspectos físicos do ato sexual; é essencial, também, que exista discussão sobre os sentimentos e comportamentos, dentro de um enfoque sociocultural, abrangendo a saúde reprodutiva, as relações de gênero, as relações interpessoais, o prazer corporal e a autoestima, uma vez que a sexualidade tem uma dimensão histórica, ética e política, que abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção (MONTARDO, 2008).

Mesmo que os PCNs defendam que a educação sexual seja incluída de maneira transversal pela escola, algumas barreiras ainda têm dificultado uma abordagem tranquila e acessível às crianças e adolescentes, pois a repressão cultural e religiosa, o despreparo dos professores sobre o tema, a falta de conhecimento dos familiares sobre conceitos básicos de sexualidade e as

dificuldades no diálogo com os filhos, entre outros fatores, contribuem para uma morosidade na inserção efetiva e abrangente da temática no ambiente escolar.

Pontua-se também que possíveis mudanças no currículo escolar podem afetar diretamente o ensino da educação sexual como tema transversal, pois a nova proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica um retrocesso para o ensino da sexualidade, preconizando uma abordagem reduzida ao componente da biologia.

Nesse contexto, ações como as do PSE precisam ser vistas com grande prestígio pelos profissionais da educação e da saúde, pois essa intersectorialidade pode proporcionar uma amplitude de saberes e melhorar o trabalho e planejamento de ações para diversos assuntos, principalmente, os relativos à educação sexual.

Quando se trabalha com a ajuda de diversos setores (escola, unidades de saúde, conselhos locais comunitários, família etc.), entende-se que existe uma melhora do ensino para crianças e adolescentes, além de uma reflexão mais sólida dos assuntos debatidos, com resultados mais específicos para realidade na qual o indivíduo está inserido.

Assim, apontam-se algumas das diretrizes que poderiam nortear a proposição de programas de ensino em educação sexual que abranjam os pais no processo:

1. Fornecer palestras periódicas aos familiares sobre sexualidade, assim como promover grupos de reflexão na escola para pais, visando a estimular a família a refletir sobre atitudes e expor dúvidas;
2. Proporcionar aos familiares acesso a materiais de leitura, vídeos, filmes, sites, entre outros, relativos à temática, que possam ser utilizados para sanar suas dúvidas e também para os utilizarem com os filhos;
3. Usar a Semana de Saúde na Escola, para tratar sobre assuntos relativos à sexualidade e saúde reprodutiva com as famílias e os estudantes.

Os resultados aqui obtidos não podem ser generalizados para outros contextos, uma vez que a amostra estudada que respondeu ao chamado ficou bem abaixo do apontado pela literatura, como já mencionado. Os pais que aceitaram participar do estudo também podem ter se constituído numa “amostra desviada”, pois podem apresentar algumas características que não

coincidem com o todo, como ser pais mais participativos e disponíveis aos chamados da escola, ou estar mais abertos ao enfrentamento dos constrangimentos frente ao tema sexualidade.

Nesse sentido, pesquisas futuras poderiam investigar as razões dessa baixa adesão; ou ainda elaborar e testar estratégias para alcançar a opinião de uma amostra maior de familiares. Outra vertente a ser pesquisada seria comparar as escolas aderidas ao PSE às escolas não aderidas, buscando saber se existem diferenças significativas na abordagem da educação sexual.

É inquestionável a importância da família na educação sexual das crianças e dos jovens, porém não se pode deixar de compreender que esses indivíduos também se integram em diferentes contextos, nos quais entram em contato com inúmeras fontes de comunicação. Esse processo é contínuo, participativo e intersetorial. Por esse motivo, são diversos os agentes que interferem na aprendizagem dos temas relacionados à sexualidade, e é nesse contexto que a escola se encontra, agindo como um meio privilegiado para a educação sexual, tendo como responsabilidade ensinar, educar, de forma a favorecer o desenvolvimento global dos alunos, fomentar atitudes e valores e incentivar a formação de cidadãos livres, responsáveis, autônomos e respeitadores. A educação sexual não é tarefa de apenas uma instituição, mas diz respeito à família, à escola, à unidade de saúde e a qualquer outro meio que esteja a ela relacionado (MATOS et al., 2014).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta. Paul. Enferm.* v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

ARAÚJO, A. V. S. et al. O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 13, n. 2, p. 117-128, 2015.

BARBOSA, S. M.; COSTA, P. N. P.; VIEIRA, N. F. C. O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de HIV/AIDS. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 9, n. 1, p. 96-102, jan-mar 2008.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BRASIL. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da República

Federativa do Brasil. Brasília, DF, 6 dez 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>. Acesso em: 08 mar 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. LDB: *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9ªed. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Instrutivo PSE*. Brasília: Editora MS, 2011.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*. v. 5, ano 29, p. 251-263, 2013.

HOLANDA, M. L. et al. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. *Cogitare Enferm.*, v. 15, n.4, p. 702-708, 2010.

HOLANDA, M. L. et al. Compreensão dos pais sobre a exposição dos filhos aos riscos das IST/AIDS. *Rev. RENE.*, v.7, n. 1, p. 27-34, jan-abr 2006.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. *Rev Bras Enferm*, v. 59, n. 1, p. 157-162, mar-abr 2006.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. *Revista Linhas*, v. 11, n.1, p. 68 – 84, jan-jun 2010.

MATOS, M. G. et al. Educação sexual em Portugal: legislação e avaliação da implementação nas escolas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 15, n. 2, p. 335-355, 2014.

MONTARDO, J. A escola e a educação sexual. *La Salle – Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 13, n. 1, 161-174, 2008.

MOREIRA, B. L. R. et al. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 10, n. 1, p. 64-83, 2011.

MURTA, S. G.; ROSA, I. O.; MENEZES, J. C. L., et al. Direitos sexuais e reprodutivos na escola: avaliação qualitativa de um estudo piloto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 3, p. 335-344, jul-set 2012.

NERY, S. I. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paul Enferm*, v. 28, n. 3, p. 287-92, 2015.

QUEIRÓS, P. S. et al. Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos. *Rev Rene*, v. 17, n. 2, p. 293-300, mar-abr 2016.

REIS, K. C. F. *Infância, gênero e estereótipos sexuais*: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru, SP, 2008.

REIS, V. L.; MAIA, A. C. B. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico. *Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel*, v. 41, p. 188 - 207, jan-fev-abr 2012.

ROCHA, A. A.; OLIVEIRA, V. S. Educação sexual na visão dos pais da escola estadual de educação básica André Antônio Maggi. *Nativa. Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso*, v. 4, n. 2, s/p, 2015. Disponível em: < <http://www.revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/201> >. Acesso em: 08 mar 2017.

RODRIGUES C. P.; WECHSLER, A. M. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 89-104, 2014.

RODRIGUEZ, N. G. M. R. Sexualidade: uma discussão com pais, alunos e professores da 7ª série da escola Albert Einstein de Jaciara sobre o tema transversal sexualidade. *Revista científica eletrônica de ciências sociais aplicadas da Eduvale*, ano 3, n. 05, s/p, 2010. Disponível em: <http://eduvalesl.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/f2pBedinDvAg5z1_2015-12-18-21-49-25.pdf>. Acesso em: 08 mar 2017.

SALOMÃO, R.; CANO, M. A. T.; SILVA, M. A. I. Sexualidade do adolescente na percepção dos pais, sob a perspectiva de Foucault. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*, v. 15, n. 3, p. 609-618, jul-set 2013.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto. *Acta Paul Enferm*, v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006.

VILELAS JANEIRO, J. M. S. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 5, n. 29, p. 382-390, set 2008.